

A questão racial na comunicação organizacional: análise da produção do Abrapcorp¹

Erik de Moura PEREIRA²

Alana Nogueira VOLPATO³

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a questão do racismo e da desigualdade é abordada no campo de conhecimento da comunicação organizacional e das relações públicas no Brasil, com base em um estudo exploratório dos trabalhos publicados sobre o tema no Congresso Abrapcorp entre 2007 e 2025. Os resultados indicam que a temática é de abordagem recente (a partir de 2019) e, relativamente, escassa, com frequência variável e concentração em eixos temáticos específicos, revelando uma lacuna significativa na produção acadêmica da área.

Palavras-chave: Questão racial; Abrapcorp; Comunicação Organizacional; Relações Públicas.

Corpo do trabalho

Ribeiro (2019) explica o racismo como políticas e práticas que criam e mantêm a superioridade de um grupo racial sobre o outro, variando em diferentes contextos sociais, históricos e políticos. Na sociedade brasileira, que se construiu a partir da exploração forçada de pessoas indígenas e negras trazidas do continente africano, entendemos que a raça, social e culturalmente construída, é um marcador social da diferença que atua de forma determinante na perpetuação das desigualdades.

Justamente por isso, como mostra Carneiro (2011), as relações étnico-raciais foram e são uma problemática central do pensamento social brasileiro, que já reproduziu o racismo científico do século XIX e alimentou a ilusão de um país miscigenado onde imperaria a democracia racial. Com a contribuição de movimentos coletivos e de intelectuais negras e negros, a questão do racismo no Brasil, ainda que siga sendo disputada entre diferentes atores sociais e políticos, passou a ser reconhecida como problema concreto a ser enfrentado nos mais variados espaços de interação - entre eles, as organizações.

Entendemos que organizações não são unidades isoladas em que todos cooperam para atingir objetivos comuns. Organizações são sistemas vivos, dinâmicos e complexos que

¹ Trabalho apresentado no GP6: Comunicação Intercultural, Interseccionalidade e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Relações-públicas. Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Unesp. E-mail: erik.moura@unesp.br

³ Relações-públicas. Docente do Departamento de Ciências Humanas e do PPGCom da Unesp. E-mail: alana.volpato@unesp.br

envolvem relações de poder assimétricas entre sujeitos situados (Baldissera, 2010). As interações no contexto organizacional interno e em sua relação com o meio social frequentemente envolvem tensões que podem gerar cenas dissensuais decorrentes dos conflitos de interesses, das desigualdades, injustiças e vulnerabilidades no contexto organizacional (Marques; Mafra, 2018).

Se vivemos em uma sociedade marcada pelo racismo e as organizações tanto atravessam quanto são atravessadas pelo tecido social em que estão inseridas, compreendemos que mudanças no contexto organizacional podem contribuir para a construção de uma cultura antirracista.

Historicamente as Relações Públicas estão associadas à persuasão de massas a fim de defender os interesses da burguesia, mas, ao mesmo tempo, detém de um grande potencial para se articular com diferentes causas sociais (Peruzzo, 1982). Apesar dessa possibilidade, como efetivá-la em um contexto organizacional considerando suas contradições? Diante disso, questionamos como o campo da comunicação organizacional e das relações públicas têm incorporado e contribuído para essas questões no Brasil.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a questão do racismo e da desigualdade é abordada no campo de conhecimento da comunicação organizacional e das relações públicas no Brasil, com base em um estudo exploratório dos trabalhos publicados no [Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e Relações Públicas](#), importante espaço de difusão do conhecimento produzido na área. Esforços semelhantes foram desenvolvidos por Oliveira et al. (2022), investigando a temática de acessibilidade e inclusão; e por Sampaio e Miranda (2020), identificando estudos sobre marca lugar.

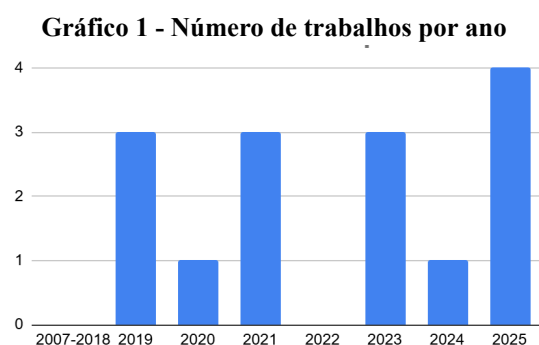
Os objetivos específicos são: levantar os trabalhos publicados no Congresso Abrapcorp entre 2007 (1ª edição com registro em Anais) e 2025 que abordam relações étnico-raciais ou racismo; e analisar ano de publicação, espaços de interlocução e principais temas de pesquisa, recorrendo à Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

A identificação dos trabalhos foi realizada por meio da ferramenta de busca (“Ctrl+F”), com as palavras-chave: negro, negra, racial, racismo, antirracismo, racista e antirracista, nos títulos dos trabalhos publicados nos Anais do evento. Essa estratégia considerou os diferentes formatos disponíveis, ora em arquivos únicos com textos completos, ora em listas de títulos com links individuais.

A busca concentrou-se apenas na presença das palavras-chave, anteriormente mencionadas, nos títulos das publicações no período de 2007 a 2025. Para ponderar essa limitação, verificamos que, nos casos em que os Anais reuniam os trabalhos completos no arquivo, todos seriam igualmente identificáveis mesmo com a busca considerando apenas os títulos. As pesquisas foram identificadas a partir dos Grupos de Trabalho (GT), Espaço Jovem Pesquisador ou Espaço Graduação e/ou sessões temáticas do evento.

No total, foram identificados 15 trabalhos, classificados nas categorias data de publicação e espaço de apresentação. Além disso, identificamos interesses de pesquisa a partir de afinidades entre os trabalhos publicados. Para isso, foi feita uma leitura de cada trabalho completo do corpus a fim de categorizá-los em macrotemas.

A análise dos anos de publicação revela que a temática não foi abordada entre 2007 e 2018. Sua primeira aparição foi em 2019. Nos anos seguintes, houve variações, conforme demonstrado no gráfico a seguir:



Fonte: Elaborado pelos autores

Os trabalhos publicados estão concentrados, principalmente no "Espaço Jovem Pesquisador ou Espaço Graduação" (6 trabalhos), que reúne trabalhos desenvolvidos por estudantes de graduação; e no "Grupo de Trabalho (GT) - Comunicação intercultural e interseccionalidade" (5 trabalhos) que se consolida como um espaço relevante para pensar as dinâmicas em torno de marcadores sociais da diferença no contexto organizacional. A presença pontual em outros GTs e sessões temáticas demonstra uma abordagem ainda incipiente ou dispersa em outras áreas do congresso. Os dados indicam que estudantes de graduação têm cumprido papel importante em pautar a questão racial nas pesquisas.

No geral, esses dados demonstram que a abordagem das relações étnico-raciais e do racismo no ABRAPCORP é relativamente recente e com frequência variável. Isso demonstra a escassez na produção de conteúdos, reflexões e propostas tangíveis para o uso da comunicação no combate ao racismo. A ideia superada de democracia racial parece ter

ecoado, também, no âmbito da comunicação organizacional, deixando latentes pesquisas e práticas profissionais formais voltadas a questões raciais.

Com relação ao escopo das pesquisas, identificamos quatro eixos principais. O primeiro diz respeito a trabalhos que investigam a comunicação institucional de organizações e entidades, como o Conferp e empresas participantes de programas de equidade, analisando como posicionamentos sobre diversidade, raça e gênero são expressos em mídias sociais ou materiais internos.

O segundo diz respeito a trabalhos que buscam encontrar caminhos para orientar o enfrentamento ao racismo, com as seguintes abordagens: recorrer aos estudos para a paz para promoção da igualdade racial nas organizações; ao conceito de paz negativa para explicar o silenciamento da questão racial nesse contexto; pensar as festividades populares como estratégias para enfrentar preconceitos; e a comunicação digital de coletivos para dar visibilidade e legitimidade a pautas raciais.

O terceiro demonstra a preocupação de pesquisadores em investigar as dinâmicas de racialização que atravessam a complexa rede de relações que constituem o contexto organizacional. São pesquisas que exploram vivências de profissionais negras pensando atravessamentos na comunicação com empregados; experiências de profissionais advogados que atuam em organizações em casos de preconceito, injúria racial e racismo; as barreiras impostas a organizações que buscam desenvolver práticas antirracistas; e como a agenda racial tem sido apropriada pelo campo empresarial por meio da legitimação recíproca com entidades associativas empresariais voltadas à promoção da igualdade racial.

O quarto eixo concentra-se na recepção, imagem e repercussão de narrativas e representações raciais. Inclui estudos sobre a forma como o público interage com campanhas publicitárias de reconhecimento (como do AirBnb), a percepção da estética negra e a representação de identidades interseccionais em produtos midiáticos (como séries da Netflix), além da análise do racismo algorítmico em plataformas de inteligência artificial.

É possível notar que parte dos trabalhos faz referência ao silenciamento ou invisibilização dos tensionamentos gerados pelo racismo e pela desigualdade racial nas organizações. Essa questão, assim como a preocupação com a apropriação da agenda racial pelo campo empresarial, mostra-se transversal a esses diferentes interesses de pesquisa.

A carência de trabalhos sobre racismo no Abrapcorp, longe de indicar irrelevância sobre o tema, aponta para uma lacuna preocupante na produção acadêmica do campo. Para

uma democracia plena e equitativa, a comunicação organizacional e as Relações Públicas devem abordar o racismo de forma frequente, aprofundada e em diálogo com a sociedade, capacitando e mobilizando um enfrentamento mais estratégico e assertivo às diferentes práticas racistas dentro e fora do contexto organizacional e/ou acadêmico.

Referências

BALDISSERA, R. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. In: KUNSCH, Margarida M. K (org.). **A comunicação como fator de humanização nas organizações**. São Caetano do Sul/SP: Difusão Editora, 2010. p. 61-76.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MARQUES, Â; MAFRA, R. A comunicação interna em contextos organizacionais e a criação de cenas de dissenso. **Comunicação Pública**, Lisboa, v. 13, n. 25, p. 1-20, 2018. DOI: 10.4000/cp.2940. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/2940>. Acesso em: 10 fev. 2026

OLIVEIRA, G. F.; MOREIRA, T. B. E. ; BUENO, L. G. V. ; POREM, M. E. ; MACIEL, S. . A pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas sobre Acessibilidade e Inclusão: um levantamento do Congresso Abrapcorp. In: STASIAK, D.; CASAROLI, L.; CARARETO, M. (Org.). **Perspectivas da pesquisa e dos pesquisadores em Relações Públicas na atualidade**. 1ed.Goiânia: Cegraf, 2023, v. , p. 92-110.

PERUZZO, C. M. K.. **Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista**. São Paulo: Summus Editorial, 2016.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAMPAIO, A. O.; MIRANDA, M. P. O conceito de marca lugar nos congressos da ABRAPCORP: transversalidade entre comunicação estratégica, turismo e cidadania. **Anais do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas**, 2020. Disponível em: [https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/\(cod2_23062\)2020.10.20_artigo_abrapcorp_em_novo_template.pdf](https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/(cod2_23062)2020.10.20_artigo_abrapcorp_em_novo_template.pdf). Acesso em: 20 fev. 2026.